

ANTÓNIO LOBO Obra Completa Edição *ne varietur* * ANTUNES COMISSÃO DAS LÁGRIMAS

Romance
1.ª edição

* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor
Revisão filológica de
António Bettencourt



DOM QUIXOTE

PRIMEIRO CAPÍTULO

Nada a não ser de tempos a tempos um arrepio nas árvores e cada folha uma boca numa linguagem sem relação com as outras, ao princípio faziam cerimónia, hesitavam, pediam desculpa, e a seguir palavras que se destinavam a ela e de que se negava a entender o sentido, há quantos anos me atormentam vocês, não tenho satisfações a dar-vos, larguem-me, isto em criança, em África, e depois em Lisboa, a mãe chegava-se ao armário da cozinha onde guardava os remédios

– São as vozes Cristina?

aqui na Clínica silêncio, com as injeções as coisas desinteressam-se de mim, uma frase, às vezes, mas sem ameaças nem zangas, o nome apenas

– Cristina

uma amabilidade pressurosa

– Como estás Cristina?

ou uma queixa

– Nunca mais nos ligaste

a cama, a mesa e as cadeiras quase objectos de novo, embora se perceba um ressentimento à espera, não se atrevia a tocar-lhes, deitava-se

pesando o menos possível na esperança que a almofada ou os lençóis não a sentissem e pode ser que se distraiam e não sintam, não devem sentir porque nenhum

– Como estás Cristina?

desde há semanas, tirando as folhas num capricho do vento e as bocas de regresso um instante, o que me incomodam as bocas, o director da Clínica

– Ando a pensar dar-lhe uns dias de licença na condição de tomar os comprimidos

e no interior do

– Ando a pensar dar-lhe uns dias de licença na condição de tomar os comprimidos

não havia a sombra de uma sugestão, um conselho, a ordem

– Tens de matar o teu pai com a faca

graças a Deus ausente, quase paz se houvesse paz e não há, há pretos a correrem em Luanda, camionetas de soldados, tiros, gritos numa ambulância a arder na praia, sob pássaros que se escapavam, e ao terminar de arder nenhum grito, o pai foi padre, não era padre já e a mãe zangada

– Quem te contou isso miúda?

o pai escuro, a mãe clara que antes de o conhecer viera de barco para dançar num teatro e não era teatro que lhe chamavam, outro nome, por não se lembrar do outro nome ela teatro e que mal existe em ter sido padre ou dançar noutra nome, se as vozes nas coisas ou na sua cabeça perguntassem

– Como estás Cristina?

os gritos apagavam-se, a ambulância apagava-se, apenas ferros tortos na areia, o que se assemelhava a corpos, o que julgou cabeças, na ilha frente à praia restos de barcos, se as vozes,

– Como estás Cristina?

respondia

– Estou ótima

no apartamento de Lisboa vê-se o Tejo da marquise na condição de abrir o trinco porque os vidros opacos, quando o homem que os colocou se foi embora a mãe para o pai

– Depois deste tempo todo continuas com medo?

e o pai sem responder, pelo menos as árvores do cemitério judeu não conseguiam vê-la e portanto nem ameaças nem zangas, ficava a olhar o pai, jogando xadrez num canto, a sobressaltar-se assim que passos na escada

– O que tem o pai mãe?

e a mãe, que nunca dançou para ela derivado ao joelho

– Este joelho

a massajar dores com a bisnaga

– Manias

amparada ao corrimão do lava-loiças dado que no seu caso o soa-lho degraus ganhos a custo um a um e para a gente liso, o joelho desfazia-se e recompunha-se sob a saia

– Manias

não dito como pelas folhas das árvores, soprado, a mãe a quem faltavam dentes

– Porque lhe faltam dentes mãe?

com imensos incisivos a morderem o

– Manias

cujas pregas se tornava necessário desamarrotar para ouvi-lo, uma fotografia na cómoda de quando dançava na segunda de duas filas de bailarinas com plumas e lantejoulas, a unha quase sem verniz espalmada na moldura

– Sou eu

isto é plumas somente, não cara, atrás de plumas maiores, as plumas da mãe, ofendidas

– Escondiam-nos sempre

e por sorte calaram-se logo, não a mandaram pegar na faca nem partir fosse o que fosse, cada folha uma boca de maneira que avisá-las,

a erguer e a baixar o dedo que nunca teve verniz, se tivesse verniz não era seu

– Esqueçam-me

peçoas a correrem em Luanda e a unha da mãe a abandonar o retrato

– Não era uma corista importante

com o sol do lado de fora dos vidros opacos, se riscasse com um prego, mas em que gaveta há pregos e a caixa das ferramentas guardada não sabia onde, via-o, igual às ambulâncias a arder, com os mesmos gritos e a mesma agitação no fundo, uma tarde agarrou nos fósforos da copa e tentou pegar fogo à cortina para calar os gritos que desarrumavam a sala mas o joelho da mãe galgou a coxear os degraus que se formavam para ela e roubou-os, em lugar de lhe bater apertou-lhe o nariz contra a barriga, que é por onde os adultos choram, a barriga a pular

– Porque pula a sua barriga mãe?

e muito longe do nariz, afogado na barriga, uma garganta que não fazia parte de nenhuma de nós, a qual criatura pertencia a garganta, a pular igualmente, ao largá-la os olhos do pai, que de repente não se conheciam um ao outro, quase a fizeram ajoelhar de aflição, respondeu com os olhos também

– Não vou inquietar-me consigo

e não somente os olhos, o clima em torno dos olhos, o director da Clínica

– Ando a pensar dar-lhe uns dias de licença na condição de tomar os comprimidos

o clima em torno dos olhos semelhante às casas antigas que ninguém habita, inclusive a memória dos mortos, e no entanto se prende à gente e persiste, caminhando pelos compartimentos numa desistência de ecos, um roupão numa poltrona de veludo

– Não pertenço a ninguém sou sozinho
a mãe

– Cristina

e Cristina uma ova, senhora, se quiser que responda chame-me como deve ser, com a boca das folhas, as vozes exprimiam-se em segredo atrás das injeções, inclinava-se para elas

– Perdão?

e uma nas suas costas, tão triste

– Não podemos conversar Cristina

se ao menos fosse capaz de riscar com um prego o vidro que a separava das vozes e separando-a das vozes a separava de tudo, das pessoas a correrem em Luanda, das camionetas de soldados, dos gritos, eu nem curiosa nem assustada, alheando-me, de vez em quando as pessoas caíam e arrastavam-se uns metros, como o joelho da mãe, antes de se tornarem chão, uma gaiata alcançou-lhe o sapato, assentou de leve a bochecha na biqueira, largou a biqueira, desistiu, a mãe limpou o sangue em casa com a esponja das panelas, não no apartamento de Lisboa, é claro, em Luanda, logo a seguir à Muxima, candeeiros apagados à pedrada, varandas que as metralhadoras cegaram, se o telefone principiava aos soluços o pai de mangas abertas a defender o aparelho

– Não respondam

sem se aproximar dele, interessou-se

– Há soldados no telefone pai?

e a cara da mãe, não os lábios

– Cala-te

os lábios imóveis, pessoas que batiam à porta, deixavam a porta e continuavam a correr, passados estes anos não cessaram de correr, às vezes pensava que silêncio e não silêncio, pessoas ainda, a ambulância ainda, camionetas ainda, quem lhes limparia o sangue dos sapatos com a esponja, cada móvel a respirar por sua conta, não juntos como de costume, ao respirarem juntos a sala era sala, separados não percebia em que sítio se achava, fragmentos de cómodas, de sentimentos, de armários

– Onde vivemos nós?

o pai a escrever, de papel coberto com o cotovelo, a sair num jipe da polícia, a regressar de manhã com a gravata enrolada no bolso e manchas não se adivinhava de quê no fato torcido

– Não discutam comigo

os móveis não apenas separados, transparentes, notavam-se os talheres nas prateleiras, guardanapos, novelos de cordéis, toalhas de altar

– Roubou a igreja pai?

tiros não de espingarda, mais fortes, a fachada da escola um destroço de que saíam gatunos com ficheiros e mapas, até nas cópias das provas, Cristina, que vergonha, diz-nos se continuas a dar erros hoje em dia, se tivesses estudado compreendias as folhas e a razão de os soldados dispararem contra as árvores, o jipe da polícia ficava no passeio a tomar conta do pai, à noite, e mesmo assim calhaus que se ignorava de onde vinham contra as persianas descidas, a mãe

– Em que andas tu metido?

e o pai a escrever, ao levantar-se dos papéis os olhos que não se conheciam um ao outro nela, permanecendo sem se conhecerem, jogam xadrez contra um livro, a marginal de Luanda vazia de pássaros, os restaurantes fechados, o pai

– Não saiam

tal como ele não saía em Lisboa, se uma ambulância na rua obrigava a mãe a abrir uma frinchinha da marquise

– Está a arder?

e sob os ferros tortos duas cabeças, muitos

– Estava a pensar dar-lhe uns dias de licença na condição de tomar os comprimidos

corpos ou antes o que se presumiam cabeças, o que se presumiam corpos e entre as cabeças e os corpos um pé verdadeiro, intacto, a abanar sempre

– Cristina

porque tudo lhe falava

– Tudo fala comigo

milhares de vozes a distraírem-na da cópia na escola e da sopa ao jantar

– Quem não come a sopa é comida pelos bichos no escuro

tirem as vozes daqui, por que motivo não pode existir apenas fome de fruta, as vozes despediam-se nas alturas de chuva mas então eram as goteiras e os pingos passando de fora para dentro de mim e nenhuma blusa lhes abafava o ruído, o meu pai foi padre antes de eu nascer, já não é padre, garanto, embora capaz de abençoar e perdoar os pecados, descalçava-se examinando os pés, indecisa

– Estão a abanar como o da ambulância mãe?

tudo tão grande nessa época incluindo desgostos e espantos, queremos ser do tamanho do que acontece na gente e não conseguimos, na altura em que o periquito morreu uma desilusão com espinhos, que iam do umbigo ao pescoço, de modo que se mantinha quieta na esperança de a não picarem

– Não me façam doer

e após o não me façam doer

– Será tristeza isto?

a mãe segurou o periquito por uma asa e o bicho desdobrou-se em concertina com garrazitas no meio, o pai aliviado por a ambulância não arder

– Não descobriram onde me escondi

dobre-o pelos vincos e meta-o na gaiola, senhora, há defuntos, qualquer dia, se houver ocasião, explico como aprendi isto, que acordam, espream em torno, decidem

– Vou voltar

e passam o tempo para cá e para lá no corredor, intrigados com as mudanças

– Tens a certeza que não te enganaste no endereço Matilde?

quando nenhuma Matilde, acabam por pedir desculpa sumindo-se em passinhos nervosos, não se imagina a multidão de defuntos a circular por aí em busca do prédio que habitaram, qual o nome da rua

que não me lembro bem, tenho ideia do bazar dos chineses, tenho ideia do talho mas devia ter passado a Óptica e não topo a Óptica, sentam-se num banco

– Se me sentar acalmo

a mãe às voltas com o joelho, trago o saco de água quente, não trago o saco de água quente

– Como se lhes importasse onde te escondes essa história acabou nas noites em que o pai não vinha os defuntos incomodavam-na no quarto tacteando o lençol

– A sério que não és da minha família miúda?

a mãe com um roupão velho de casa abandonada, se calhar entra nelas à socapa, a afastar-se

– Não há ninguém que não sonhe continua a dormir e não me puxes o ombro

depois destes anos o joelho da mãe e os meus sonhos prosseguiam de maneira diferente, o que nos sucedeu entretanto, em Luanda os soldados disparavam não apenas sobre as pessoas, sobre os cães, em Lisboa o cego numa cadeirita ao lado da retrosaria, a abrir as narinas para o catraio que lhe comprava os cigarros

– Passou uma mulher não foi Carlos?

e o catraio a tirar-lhe dinheiro dos bolsos

– É a filha do padre a maluca que fala sozinha as suas saias apertadas, as da mãe

– Experimenta essa

demasiado largas, como era você com a minha idade, conte, o doutor que tratava o joelho, sem perceber

– Esta menina ouve vozes como?

junto a um cartaz imperativo, Lave as mãos antes de comer, e o desenho de palmas, no gesto de se esfregarem, sob uma torneira em que a água era um cone de tracinhos, o doutor tinha feito mal a barba no ângulo esquerdo do queixo e mastigava, sem lhes estender a caixinha, pastilhas que anulavam sílabas às palavras e transformavam em vogais

todas as consoantes, a língua aparecia com a pastilha, já minúscula, na ponta, trincando-a num ruído de vidros que se quebram, a apontar

– As amígdalas

como se os doutores adocessem, que aldrabice, na praia em Angola, além da ambulância, fulanos quase nus, amarrados com arames nos pulsos, acororando-se à espera, o que recordava melhor das pessoas era a resignação, uma noite sem garantia de manhã em cada uma delas, não escutava vozes por enquanto, não existiam bocas nas folhas, a mãe, de cabelo pintado, não gorda, não idosa, a colocar, com um pincel, pálpebras azuis por cima das pálpebras cor de rosa

– O que fazia você antes de dançar mãe?

– Trabalhei numa fábrica

numas alturas fábrica, noutras modista, noutras escritório, noutras

– Não me maces com perguntas

a corrigir o pincel que se não tornava pálpebra, se sujava somente e ela a lavá-lo na torneira, Lave as mãos antes de comer, a mãe, dobrada sobre a consola, com um retrato em que usava uma coisa em cima e outra em baixo e se chamava Simone, apesar de chamar-se Alice, pelo menos o pai Alice e nas cartas de uma tia Alice numa letra que desanimaria a professora da escola

– Ai Cristina

a mãe a aperfeiçoar a pálpebra no espelho

– Por tua causa quase estragava isto

não com o pincel, uma escovinha e um lápis, de longe em longe uma colega das danças que trabalhara na fábrica, na modista, no escritório, com painéis das duas bandas da porta mostrando fotografias como as da mãe, só que, em lugar do nome, Girls, vinha pedir dinheiro embrulhada num casaco de peles sem pele, tufos ralos, tiveram um gato assim que enterrámos nas traseiras, mesmo tapado continuou a miar durante meses e em certas tardes lá volta ele a aborrecer-nos, a colega

– Problemas com a renda não dás um jeito Simone?

no caixote de palha do sofá, tão magra

– Simone

numa voz semelhante às árvores, que é das plumas, amiga, do tor-
nozelo ao alto na segunda fila, com menos lantejoulas e o fato mais
gasto, lembras-te da marreca que acabou no bengaleiro, com um prato
no balcão para as gorjetas e a filha num berço na cozinha, ao acabar-
mos o gerente ficava com metade das moedas

– Dá graças a Deus por eu ter pena de ti

e um empregado mestiço palmava-lhe a outra metade avisando

– Caladinha

lembras-te do padre à tua espera na rua, abotoado, respeitador, de
açucena em punho

– Madame

e a gente para ti

– Só te falta um véu branco

porque no seu entender não conhecias homens conforme ele não
conhecia mulheres, o gato veio miar um instante cá cima e afundou-se
de novo, quis chamar

– Gato

e o bicho recusou escutá-la, olha a terra nos olhos abertos, olha
a cauda a mover-se, uma pata, uma segunda pata, o focinho que se
ergue, treme um momento, tomba, afigurou-se-lhe que ele

– Cristina

e eu em silêncio

– Perdoa

a mãe para a colega, com um soslaio no sentido da recordação do
véu branco

– Esta fala com as sombras

e não falava com as sombras, limitava-se a responder ao que sem
descanso a perseguiu, o sol nas mangueiras felizmente mudo mas o res-
to uma agitação de ecos, como estar com vocês continuando sozinha,
a mãe Simone ou Alice e o pai nem Alice nem Simone, a ir e a vir
com o jipe, a mãe esperou durante dias que ele de açucena em riste

– Madame

desajeitado de timidez e paixão, a colega

– Tão cómico

quando cómica era a sua miséria e as raízes escuras do cabelo loiro, tentava instalar-se, com os clientes da fábrica, da modista, do escritório, em mesas de risos grossos de homens

– Dão licença?

e palmas a enxotarem-na

– Que quer esta?

de modo que a renda do quarto, percebes, sobrou alguma costeleta do jantar de ontem que me possas enfiar num saquinho, prometo que não te apareço mais nem te incomodo, os olhos da colega não lado a lado, um apenas a navegar cara fora sob uma única pálpebra, porque não a enterrámos como o gato rezando para que não volte, a colega pronta a desarrumar-lhe a franja

– A tua filha tão linda

ao despedir-se um sorriso feito de trapos de sorrisos antigos que as pessoas conservam sem dar conta que os têm

– Devia arranjar um padre como tu Simone

a mãe um olho apenas por seu turno e qualquer coisa molhada a descer o nariz, o pai lá do fundo

– Quem era?

a coisa molhada que descia o nariz

– Ninguém

e é verdade, ninguém, notaste algum barulho, Cristina, salvo as vozes e o gato que não cessa de regressar a acusar-nos, quantas ocasiões pedi ao meu marido que me deixasse partir para Lisboa, a senhora da embaixada a fazer riscos com o lápis num bloco, dúzias de riscos afinal sempre o mesmo

– A situação complicou-se sabia?

ou seja o meu marido a escrever atrás do cotovelo, as correrias, os tiros, algumas das pessoas acocoradas na praia tentavam escapar-se